

Aids avança em mulheres acima dos 50 no Brasil, alerta especialista

Até 2013, a aids não era doença de notificação obrigatória no Brasil – apesar das 718 mil pessoas vivendo com o HIV no país. Nos últimos 10 anos, a infecção do vírus subiu cerca de 2%, sendo que as maiores taxas de crescimento da doença são registradas nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Amazonas e Rio de Janeiro. Enquanto isso, as regiões Norte e Nordeste respondem pelo maior crescimento de casos (com 92,7% e 62,6%) e o maior índice de mortalidade por aids nos últimos 10 anos (60% de crescimento e 33,3% respectivamente). Descubra porque as mulheres, principalmente as que estão na faixa dos 50 anos, devem se preocupar especialmente com isso.

1) Transmissão acontece mais pelo sexo

Dos casos notificados de HIV+ em mulheres, 91,2% tem a transmissão sexual como principal causa e 96,6% das mulheres contaminadas vivem relação heterossexual. No mundo, a cada minuto, uma mulher é infectada. Fatores biológicos tornam a mulher de duas a quatro vezes mais suscetível ao HIV do que homens.

2) Doença avança em mulheres heterossexuais, casadas e acima dos 50 anos

Mulheres acima de 50-55 anos, casadas, heterossexuais, na sua maioria com ensino fundamental incompleto. Este é o grupo da população brasileira, em que a doença mais tem avançado nos últimos anos, como explica a infectologista Simone Tenore, da UNIFESP (Universidade Federal do Estado de S. Paulo) e do CRT-Aids (Centro de Referência e Treinamento em aids, do Estado de S. Paulo):

3) Preconceito adia tratamento

A especialista explica que essas mulheres geralmente “não foram habituadas ao uso de medidas preventivas e acreditam na fidelidade de seus cônjuges”. Para Tenore, o diagnóstico e o início do tratamento são tardios entre estas mulheres por causa do estigma e preconceito que a doença ainda pode gerar.

4) Epidemia não está controlada no Brasil

Em 1990, o Brasil registrava 1 caso de HIV+ em mulheres a cada 15 homens; a partir de 1991-92, houve um crescimento progressivo entre as mulheres, chegando a 2001 com 1 caso a cada 1,7 homens. Segundo estatísticas globais, as mulheres formam o grupo de mais

rápido crescimento da infecção, somando já cerca da metade de todos os casos de aids no mundo. Nessa faixa etária, a doença é também relacionada à depressão, baixa estima e forte sentimento de culpa – fatores que afastam as mulheres do diagnóstico e do tratamento precoce.

5) Juventude, fidelidade e prevenção

“As mulheres mais velhas – assim como as muito jovens – acabam acreditando que a fidelidade é proteção contra a doença e vem descobrir a infecção tardiamente – quando os primeiros sintomas da doença, que surgem geralmente após 10 anos da contaminação. Estas mulheres acabam deixando a sua própria saúde em último lugar na lista de suas prioridades”, afirma a infectologista.

Dados mundiais indicam que a infecção de mulheres entre 15-24 anos é duas vezes o número de homens infectados na mesma faixa etária. No Brasil, esta é também a faixa etária mais acometida. Das gestantes entre 15-19 anos, 10,8% são HIV+ e a maioria sabe de sua condição depois de ficarem grávidas durante os exames de pré-natal. Assim como na faixa acima dos 50 anos, a maioria das gestantes infectadas entre 20-29 anos têm ensino fundamental incompleto.

Ainda não existe vacina contra HIV. A forma mais eficaz para combater a doença é a prevenção, evitando os chamados comportamentos de risco, como manter relações sexuais sem proteção e compartilhar seringas.

Conheça as principais complicações da Aids

Pessoas com a doença estão mais sujeitas a ter problemas cardíacos e hepáticos

Nem sempre uma pessoa infectada com o vírus HIV apresenta Aids. "O Vírus da Imunodeficiência Humana pode passar anos sem apresentar qualquer sintoma e sem afetar significativamente o sistema imunológico do portador", explica a infectologista Mylva Fonsi, do Centro de Referência e Treinamento Aids/ DST.

Em outros casos, entretanto, o paciente soropositivo deve ficar muito atento à sua saúde para não deixar que os efeitos colaterais de seus medicamentos e sua deficiência imunológica abram portas para outras doenças, como pneumonia e câncer. A seguir, veja os problemas de saúde são mais comuns entre as pessoas com [Aids](#) e as dicas dos especialistas para prevenção de cada um deles.

Doenças cardíacas

Segundo o infectologista da Unifesp Jorge Senise, da Sociedade Brasileira de Infectologia (SBI), algumas medicações de pacientes soropositivos levam a um aumento da produção de lipídios pelo organismo, o que favorece o aparecimento de doenças cardíacas, como o infarto. Além disso, como o vírus [HIV](#) destrói as células de defesa do corpo, acaba afetando todos os sistemas, criando um estado inflamatório crônico que leva à deposição de gordura nos vasos, podendo causar um derrame.



Doenças hepáticas

Todo medicamento tem efeitos colaterais. "O paciente com HIV toma um coquetel de, pelo menos, três remédios. Por isso, há um risco de toxicidade maior", afirma a infectologista Mylva. Alguns remédios são metabolizados no [fígado](#), que pode ficar sobrecarregado e, conseqüentemente, perder parte de suas funções. Por isso é essencial aderir ao tratamento e fazer consultas com seu médico regularmente, para ver se há necessidade de trocar o coquetel.



Doenças renais

Pessoas com Aids estão mais suscetíveis a doenças renais devido aos processos inflamatórios ocasionados pelo próprio vírus HIV. "Isso, juntamente com os medicamentos, favorece o aparecimento de [cálculos renais](#), podendo levar a perda da função de

filtragem dos rins", afirma o infectologista Jorge. Segundo ele, esse e outros problemas podem ser solucionados se houver monitoramento constante do paciente.



Danos nos nervos

"Os processos inflamatórios desencadeados pelo vírus HIV afetam principalmente os nervos periféricos, ligados à sensibilidade do paciente", esclarece Mylva. De acordo com a especialista, os primeiros sintomas dessa inflamação são formigamento e dor. Por isso, logo que eles forem identificados, o paciente deve buscar ajuda profissional.



Doenças oculares

Pela baixa da imunidade da pessoa com Aids,, ela fica exposta a diversas complicações de saúde. "Entram nesse grupo as chamadas doenças oportunistas, como a retinite, inflamação da retina" explica Mylva. É fundamental reportar esses e outros sintomas ao infectologista.



Câncer

Segundo Jorge Senise, pessoas com HIV têm lidado cada vez melhor com as doenças oportunistas, decorrentes da imunodeficiência, agora o maior desafio é vencer neoplasias relacionadas ao vírus. "O [câncer de linfoma](#) é um dos mais comuns pessoas com Aids e, como o sistema imunológico está muito fraco para eliminar as células tumorais, ele pode se desenvolver rapidamente se não houver tratamento", complementa. É bom lembrar também que alguns hábitos estão diretamente relacionados ao aumento do risco de desenvolver câncer, como o tabagismo e o sedentarismo.



Pneumonia

Tosse, falta de ar e febre são alguns dos sintomas de uma doença oportunista típica de pessoas imunodeprimidas: a [pneumonia](#) causada por [Pneumocystis jiroveci](#). Causada por um fungo, a doença não consegue se desenvolver em pessoas saudáveis e com sistema imunológico forte, mas pode levar pessoas fragilizadas à morte, se não tratada.